

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Eduardo Baptistin Francisco

**A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR FRANCESA QUE POSSIBILITOU A
VITÓRIA SOBRE A INGLATERRA NA GUERRA DOS CEM ANOS**

**Resende
2020**

Eduardo Baptistim Francisco

**A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR FRANCESA QUE POSSIBILITOU A
VITÓRIA SOBRE A INGLATERRA NA GUERRA DOS CEM ANOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Cel R1 Durland Puppim de Faria

Resende
2020

Eduardo Baptistim Francisco

**A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR FRANCESA QUE POSSIBILITOU A
VITÓRIA SOBRE A INGLATERRA NA GUERRA DOS CEM ANOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2020:

Banca examinadora:

Durland Puppim de Faria, Cel R1
(Presidente/Orientador)

Alexsander Soares Elias, Maj

Alan Fidélis Reis Santos, Cap

Resende
2020

Dedico esse trabalho ao escritor inglês Bernard Cornwell que, com seus maravilhosos livros de ficção histórica e genialidade, fizeram com que eu me apaixonasse por esses temas e inspirou que eu quisesse pesquisar mais sobre esse assunto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, em especial minha mãe e irmão, por ser o grande pilar da minha vida e ter me dado apoio incondicional.

Agradeço às minhas tias Luciana e Carmen por todas as oportunidades que me proporcionaram, permitindo que eu ingressasse no Colégio Militar e que atingisse meus objetivos.

Agradeço à minha namorada, Camila, por todo o carinho, amizade e conselhos. Você foi fundamental em todos os momentos da minha formação, inclusive deste trabalho.

Agradeço também o apoio de todos os meus colegas, que através de seus conselhos, críticas e amizade muito contribuíram com a minha formação.

RESUMO

A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR FRANCESA QUE POSSIBILITOU A VITÓRIA SOBRE A INGLATERRA NA GUERRA DOS CEM ANOS

Autor: Eduardo Baptistim Francisco

Orientador: Cel R1 Durland Puppim de Faria

A Guerra dos Cem Anos teve duas causas principais. A primeira foi que, após a morte de Carlos IV, o próximo na linha de sucessão deveria ser Eduardo III, rei da Inglaterra. Os franceses não aceitaram a reivindicação e coroaram Filipe de Valois. Eduardo não insistiu na reivindicação naquele momento, mas em 1337 Felipe VI confiscou a região de Guyenne, que pertencia ao monarca inglês. Esse foi o estopim do conflito. Nos primeiros anos de guerra apenas a França tomou a ofensiva, fazendo ataques na Aquitânia e até mesmo na costa da Inglaterra. Apenas em 1393 Eduardo conseguiu invadir a França. Ele fez uma incursão queimando e saqueando o interior, sem conseguir grandes conquistas, mas mostrando que poderia invadir a França sem retaliação. A maior invasão inglesa aconteceu em 1345 e ocorreu em três frentes diferentes: na Bretanha, pela Gasconha e a maior, comandada pelo rei, na Normandia. O monarca inglês fez uma campanha extremamente bem sucedida, que culminou na batalha de Crécy, em que os ingleses obtiveram uma vitória importante sobre os franceses, graças ao bom uso dos arqueiros. Essa vitória permitiu que Eduardo conquistasse a cidade portuária de Calais, que se tornou a porta de entrada dos ingleses na França. Em 1355, o monarca inglês repetiu sua estratégia de atacar em três frentes, mas logo precisou voltar para a Inglaterra. Seu filho, o Príncipe Negro continuou o ataque fazendo uma chevauchée, um tipo de incursão em que os atacantes saqueavam, matavam e queimavam tudo em seu caminho. Ele partiu de Bordeaux em direção a Bretanha, mas descobriu que havia um exército francês lhe perseguindo. Ele imediatamente suspendeu a invasão e começou a recuar, mas os franceses foram mais rápidos e bloquearam seu caminho em Poitiers. Assim aconteceu a segunda grande batalha dessa fase da guerra: a Batalha de Poitiers. Nela, o Príncipe Negro, com um efetivo de 2.600 homens derrotou um exército de quase 20.000, onde inclusive foi capturado John II, rei da França. Essa batalha o fim da primeira fase da guerra, e permitiu que os ingleses obtivessem a Guyenne, Limousin, Poitou e outras regiões que totalizavam quase um terço do território francês. A segunda fase da guerra inicia quando Charles V da França atacou Guyenne. Os ingleses responderam lançando várias chevauchée, devastando o interior da França. Mas dessa vez o monarca francês havia se preparado e desenvolveu estratégias para retaliar. Ele desenvolveu táticas de guerrilha, fazendo ataques em linhas de suprimento e abalando o moral dos ingleses. Ao longo de mais de vinte anos esse cenário se manteve, com os franceses reconquistando muito de seu antigo território, visto que a Inglaterra não conseguia recursos para proteger seus domínios na França.

Palavras-chave: Eduardo III, batalha de Crécy, batalha de Poitiers, Charles V, Guerra dos Cem Anos.

ABSTRACT

THE EVOLUTION OF THE FRENCH MILITARY DOCTRINE THAT POSSIBLITED THE VICTORY OVER ENGLAND IN THE HUNDRED YEAR WAR

Author: Eduardo Baptistim Francisco
Advisor: Cel R1 DurlandPuppín de Faria

The Hundred Years War had two main causes. The first was after the death of Charles IV, the next in the line of succession that would be Edward III, king of England. The French did not accept the registration and crowned Philip de Valois. Edward did not insist at the time, but in 1337 Felipe VI confiscated the Guyenne region, which belonged to the English monarch. That was the trigger of the conflict. In the early years of the war, only in France, there was an offensive, making attacks in Aquitaine and even on the coast of England. Only in 1393 did Eduardo manage to invade France. He made a foray into burning and removing the interior, without achieving great achievements, but showing that he could invade France without retaliation. The greatest English invasion occurred in 1345 and took place on three different fronts: in Brittany, by Gascony and a larger one, commanded by the king, in Normandy. The English monarch ran an extremely well-recorded campaign, which culminated in the battle of Crécy, in which the English won an important victory over the French, thanks to the good use of archers. This victory allowed Eduardo to conquer the port city of Calais, which became the gateway for the English to France. In 1355, the English monarch repeated his strategy of attacking on three fronts, but the logo needed to return to England. His son, the Black Prince, continued the attack with a knife, a type of incursion in which he attacked looted, killed and burned everything in his path. He left Bordeaux for Brittany, but discovered that there was a French army to pursue. He halted the invasion and began to recover, but the French were quicker and blocked his way into Poitiers. So the second great battle of that phase of the war took place: the Battle of Poitiers. In it, the Black Prince, with a staff of 2,600 men, defeated an army of almost 20,000, where John II, king of France, was captured. This battle ended the first phase of the war, and allowed the English to obtain Guyenne, Limousin, Poitou and other regions that totaled almost a third of the French territory. The second phase of the war begins when Charles V of France attacked Guyenne. The English responded by launching several chevauchée, devastating the French countryside. But this time the French monarch had prepared himself and developed strategies to retaliate. He developed guerrilla tactics, making attacks on supply lines and undermining English morale. This scenario has continued for more than twenty years, with the French regaining much of their former territory, as England was unable to afford to protect its dominions in France.

Keywords: Edward III, battle of Crécy, battle of Poitiers, Charles V, Hundred Years War.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Campanhas do Norte da França	15
Figura 2 - As Campanhas do Norte 1341 -1359	18
Figura 3 - Batalha de Crécy, 1348	20
Figura 4 - Campanhas do Príncipe Negro, 1355 - 1356	23
Figura 5 - Batalha de Poitiers, 1356	25
Figura 6 - Campanhas da segunda fase	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS	10
1.1.1	Objetivo geral	10
1.1.2	Objetivos específicos.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	ANTECEDENTES	12
2.2	PRIMEIRA FASE (1337-1360).....	14
2.3	SEGUNDA FASE (1369-1399).....	27
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	32
3.1	TIPOS DE PESQUISA	32
3.2	MÉTODOS	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERENCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A Guerra dos Cem Anos foi um conflito armado que envolveu a Inglaterra e França, entre os anos de 1337 a 1453. A guerra atravessou cinco gerações dos países rivais, o auge e o declínio da cavalaria, estreou o desenvolvimento de armas e táticas modernas e iniciou a criação dos primeiros exércitos especializados na Europa Ocidental. A Guerra dos Cem Anos foi a última guerra feudal e também a primeira moderna, ela foi dirigida por membros da aristocracia feudal no início do conflito e terminou como uma disputa entre Estados que já tinham exércitos nacionais.

O estopim para o início guerra foi o confisco de terras, a mando do Rei francês Felipe VI, que eram controladas pelos ingleses. Para completar, existia uma tensão em Flandres, região administrada pela França, onde os ingleses mantinham fortes relações comerciais. Majoritariamente, as disputas foram travadas em territórios franceses, com algumas exceções para os territórios ingleses. Grande destaque bélico, no início do conflito foi o uso da besta, arma medieval que lançava setas. No princípio, as batalhas foram vencidas pelos ingleses, a exemplo da primeira batalha travada em Crécy, que resultou em vitória inglesa e morte de mais de 1.000 soldados franceses.

A reviravolta acontece durante o cerco a Orleans, entre 1428 e 1429. Os franceses encontravam-se encurralados, sem perspectivas de vitória; contudo, uma camponesa, chamada Joana D'arc, aconselha o rei a enviar todas as suas tropas para a região, o rei o faz e, dessa maneira, os ingleses acabam não resistindo ao cerco e retiram-se. Ainda, em 1453, a Inglaterra tenta atacar uma fortificação francesa, mas foram derrotados pela recém-introduzida artilharia de campanha, que podia transportar canhões. Essa batalha é considerada o marco histórico de encerramento desta guerra.

Diante dos fatos apresentados, este projeto tem por objetivo uma análise da evolução das doutrinas militares na primeira e segunda fases do conflito, que propiciaram a vitória francesa, a partir de uma perspectiva histórica, atrelada ao contexto da Guerra dos Cem Anos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Apresentar a evolução doutrinária francesa que culminou com a vitória sobre a Inglaterra na Guerra dos Cem Anos.

1.1.2 Objetivos específicos

Expor as principais causas, batalhas e acontecimentos relevantes do período.

Expor as principais táticas, estratégias e armamentos utilizados pelos ingleses na primeira fase do conflito.

Expor as principais táticas, estratégias e armamentos utilizados pelos franceses na segunda fase do conflito.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ANTECEDENTES

Eduardo III, rei da Inglaterra, reivindicou o trono francês após a morte de Carlos IV, visto que sua mãe era irmã deste monarca, fazendo de Eduardo sobrinho do rei da França. Havia, no entanto, uma antiga lei franca chamada de Lei Sállica que proibia a herança do trono através de uma mulher ou de uma linhagem feminina. Além disso, Eduardo III era duque da Aquitânia, o que fazia dele vassalo da coroa francesa. E, além dos argumentos anteriores, Carlos IV pediu em suas últimas palavras que seu sucessor fosse Filipe de Valois, caso sua esposa desse a luz a uma menina, fato que ocorreu (CURRY, 2002).

Dessa forma, Filipe de Valois, que já estava governando a França como regente enquanto aguardava o nascimento da filha de Carlos IV, foi escolhido como sucessor da coroa francesa e foi nomeado Filipe VI em 1328 (CURRY, 2002).

Nesse momento, Eduardo III não tinha forças para desafiar Filipe VI. Na verdade, ele mal tinha esperanças de manter seu ducado da Aquitânia (Guyenne), que eram feudos do rei inglês vassalos ao rei francês desde 1259. Esse ducado era muito importante para a coroa inglesa, devido a inúmeros pedágios e taxas coletadas da região, que produzia muito vinho e que às vezes produzia renda maior do que a própria Inglaterra. De fato, os Plantagenetas (casa de Eduardo III) valorizavam mais a Aquitânia do que outros de seus domínios, como a Irlanda ou Gales (CURRY, 2002).

A França estava passando por um período de certa tranquilidade social e política, com uma monarquia fortalecida, em que o rei controlava em torno de um terço de seu país, a população crescia e passava dos vinte e um milhões (cinco vezes a população da Inglaterra), com muitos avanços na agricultura que permitiam um melhor uso do rico solo francês, e em que o papa estava sob a proteção do rei da França, desde que mudara a sede do papado para Avignon em 1309 (CURRY, 2002).

A Cavalaria francesa era um dos maiores instrumentos de Filipe VI, e era constituída de unidades montadas usando armaduras pesadas. O culto a cavalaria garantia a moral elevada no combate e um espírito combativo muito intenso. Por quase três séculos esse tipo de formação pesada havia ganhado quase todos os conflitos em que participou. Em 1328, Filipe VI e sua tropa haviam aniquilado um exército flamengo, dando a ele uma reputação como comandante militar enquanto ele comandava um dos maiores e mais bem equipados exércitos da época (CURRY, 2002).

Em contrapartida, a rei Eduardo III governava com dificuldade, sendo obrigado a cuidadosamente atender aos interesses dos seus vassalos e correndo o risco de ser deposto se causasse algum mal ao país. A Inglaterra era um local pouco povoado, com poucas áreas férteis propícias para a agricultura e que dependia quase que exclusivamente de sua lã. Na parte militar, a Inglaterra vinha sendo constantemente derrotada pelos escoceses, que frequentemente faziam incursões que chegavam até mesmo a Yorkshire. Em 1327 o jovem rei Eduardo foi derrotado de maneira humilhante em uma campanha contra eles (CURRY, 2002).

Apesar disso, em julho de 1333, o rei Eduardo os derrotou em uma combinação de arqueiros e soldados a pé. Foi a primeira vez que o rei usou uma tática como essa, assim como queimar todo o território escocês por onde passou. Quando voltou para a Inglaterra foi muito bem recebido e aclamado pelo povo (CURRY, 2002).

Ainda assim, ele não tinha a intenção de lutar contra o rei Filipe e continuou pessoalmente sua campanha na Escócia até 1336. Eduardo tentou por muitos anos negociar um feudo duradouro em Guyenne, pois suas fronteiras permaneciam vagas e imprecisas e ele queria restaurar seu domínio original (CURRY, 2002).

No entanto, a centralização do poder que estava progressivamente surgindo em ambos os países estava fadada a gerar uma guerra, visto que as antigas relações feudais entre Guyenne e França estavam ficando inexecutáveis (CURRY, 2002).

Em julho de 1336, o arcebispo de Rouen fez um sermão anunciando que Filipe enviaria seis mil homens para a Escócia. Em setembro houve um grande conselho em Nottingham, em que foram condenadas as ações de Filipe VI e foram estabelecidos novos impostos para financiar a luta de Eduardo contra a França (CURRY, 2002).

Em 24 de maio de 1337, Filipe declarou confiscadas as terras de Guyenne, justificando esse ato nos vários atos excessivos, rebeldes e desobedientes cometidos pelo rei da Inglaterra, citando em particular o acolhimento de Robert de Artois na Inglaterra. Robert era cunhado de Filipe e havia sido importante para a reivindicação da coroa francesa, mas em 1330 ele tentou obter posse de Artois de sua tia através de documentos forjados e sua fraude foi descoberta. A tia morreu por envenenamento dois anos depois e Robert foi culpado de seu assassinato e condenado a morte. Ele chegou na Inglaterra em 1336 onde foi muito bem recebido por Eduardo. Em outubro, Eduardo III respondeu com uma carta formal desafiando Filipe de Valois e afirmando que o monarca francês não possuía direito legítimo ao trono da França. Filipe inicia um ataque a Guyenne e assim começa a Guerra dos Cem Anos (CURRY, 2002).

2.2 PRIMEIRA FASE (1337-1360)

A França começou o ataque pelo sul da Aquitânia, fazendo campanhas com o intuito de devastar o interior. Essa estratégia era comum quando havia poucas tropas ou dinheiro, ou quando a guerra fosse ser travada em diversas frentes. Em 1338, a França lançou mais ataques na região, que foram repelidos. Porém, com a ausência de reforços de Eduardo começaram a surgir guarnições francesas na região e, em 1339, até mesmo Bordeaux estava ameaçada (CURRY, 2002).

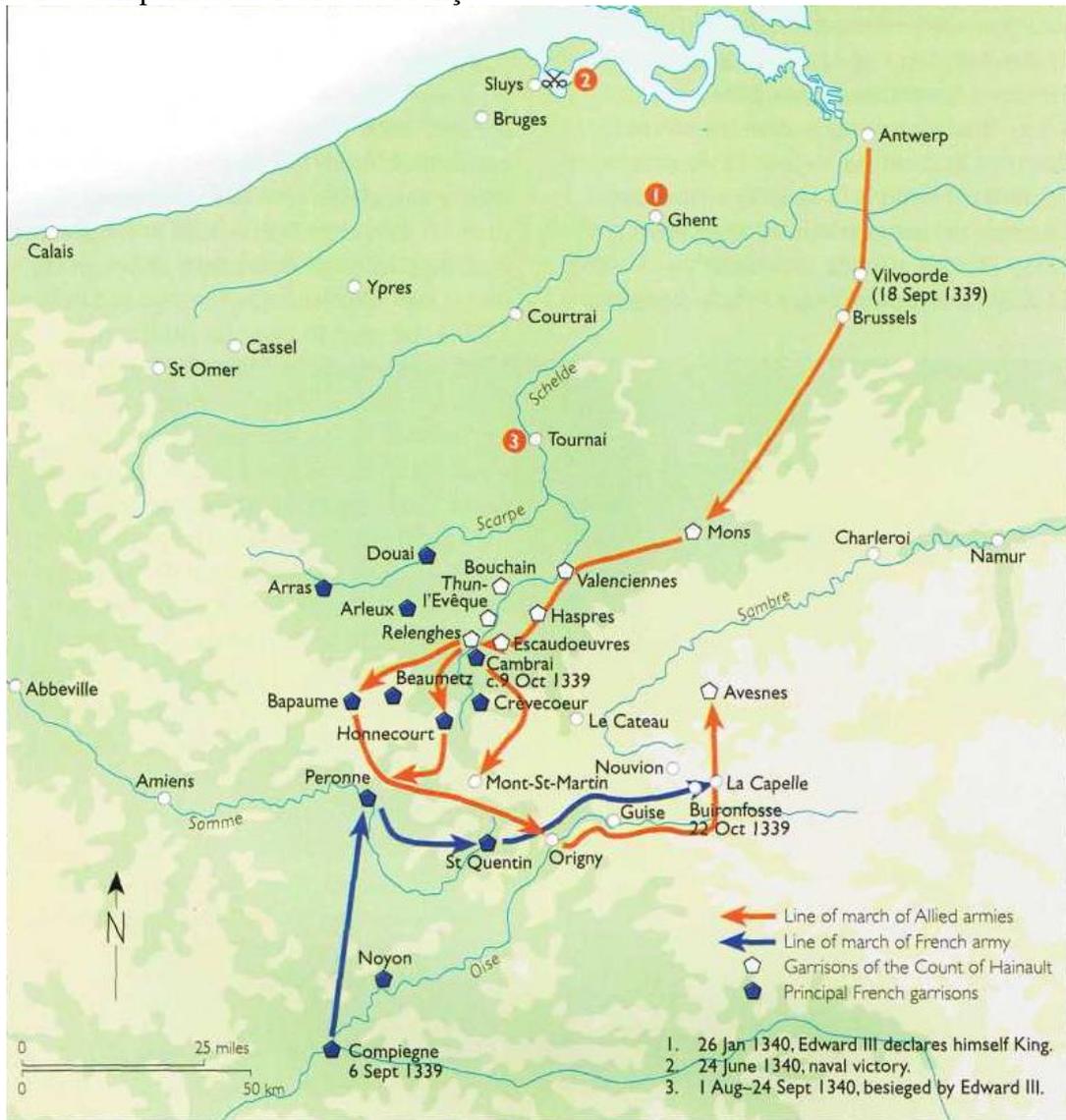
Enquanto isso, Eduardo buscava aliados e conseguiu, pagando uma grande quantia em dinheiro, que o Imperador Romano Ludwig IV, do Sacro Império Romano Germânico, o ajudasse durante sete anos. Com isso, Eduardo agora poderia convocar como seus vassallos todos os senhores dos países baixos (SEWARD, 1978).

Mas enquanto o rei tinha sucesso em âmbito diplomático, os franceses fizeram inúmeros ataques ao seu país. Em março de 1338 franceses chegaram a queimar Portsmouth quase por completo. Em outubro Southampton foi deixada em chamas. Em 1339 os franceses atacaram boa parte do litoral inglês, indo desde a Cornualha até Kent, chegando até a entrar no estuário do Tâmesa (SEWARD, 1978).

Em setembro de 1339 Eduardo finalmente invade a França em pessoa vindo dos países baixos, com uma força composta por um pequeno exército inglês, junto com mercenários alemães e holandeses. Ele avançou com bastante lentidão, destruindo todo o interior de Thiérache e começando um sítio em Cambrai. Filipe VI partiu de Saint-Quentin com 35.000 cavaleiros e soldados (CURRY, 2002).

O rei Eduardo queria utilizar a sua tática que havia funcionado contra os escoceses e dispôs as suas tropas com os soldados a pé no centro e arqueiros nas laterais e esperou que Filipe VI atacasse. Ao invés disso, o monarca francês desafiou os cavaleiros para um combate formal. Após ter sua proposta rejeitada e mesmo tendo uma vantagem numérica de praticamente dois para um, Filipe preferiu não lutar e retirou suas tropas. Após uma campanha de pouco mais de um mês, Eduardo foi forçado a recuar. No entanto, apesar de não ter ocorrido uma batalha, os ingleses mostraram a sua força ao causar tantos danos aos franceses sem retaliação (CURRY, 2002).

Figura 1 – Campanhas do Norte da França



Fonte: CURRY, 2002.

Após voltar para a Inglaterra, Eduardo precisou criar novas taxas junto ao parlamento para poder financiar uma próxima campanha. Ele requisitou todos os navios que podiam ser encontrados e montou uma frota para voltar a Ghent e recomeçar suas campanhas contra Filipe. Ele esperava também lidar com a frota inimiga em Sluys no caminho (SEWARD, 1978).

Ele finalmente zarpou de Suffolk em 22 de junho de 1340, com uma força de 147 embarcações. A maioria dos navios era mercante e inadequada para o combate, com exceção de algumas naus que foram modificadas pelo governo inglês. A tática inglesa seria bem simples: seguir em direção à frota francesa e tentar afundar os navios chocando-se com eles (SEWARD, 1978).

Os almirantes franceses eram soldados experientes, mas não eram marinheiros, e apesar de ser aconselhados preferiram ficar no estuário, onde poderiam lutar em terra, o que seria o ideal para Eduardo. Eles prepararam uma posição defensiva com três esquadrões, um atrás do outro, e aguardaram o ataque inglês. O rei Eduardo também dividiu sua frota em três esquadrões, dois deles com arqueiros nos flancos e um esquadrão no centro com soldados de infantaria. Às cinco da manhã ele zarpou e esperou que a maré impulsionasse a sua frota (SEWARD, 1978).

Quando a frota inglesa chegou eles tinham a maré e o vento os impulsionando diretamente contra os navios franceses, que não tinham como escapar do ataque. Os soldados abordaram os navios franceses enquanto os arqueiros faziam chover flechas sobre os navios franceses. Após um longo dia de batalha, praticamente toda a frota francesa fora capturada ou afundada. Essa batalha não garantiu o controle do Canal da Mancha aos ingleses, mas garantiu que não haveria invasão em grande escala na Inglaterra e dava a Eduardo a certeza de que todas as suas batalhas seriam em território francês (SEWARD, 1978).

Contudo, apesar dessa grande vitória, o monarca inglês estava longe de sua meta de conquistar a França. Eduardo possuía em torno de 9.000 arqueiros e mais alguns milhares de soldados flamengos e mercenários e iniciou um cerco a Tournai, mas ele pouco pôde fazer além de acampar fora das muralhas, visto que ele não possuía máquinas de cerco (SEWARD, 1978).

Filipe da França marchou com um efetivo ainda maior para libertar Tournai, mas manteve sua tática de se recusar a lutar e manter suas tropas ao redor das de Eduardo, de onde fazia ataques a postos avançados e linhas de suprimentos ingleses. O exército inglês já estava sem receber e logo começou a faltar suprimentos e forragem. Devido a isso os ingleses foram forçados a negociar uma trégua de nove meses (SEWARD, 1978).

Nesse contexto, uma nova situação surgiu trazendo uma disputa na sucessão da Bretanha. O duque John III, que havia servido no exército de Filipe VI em Tournai faleceu em abril de 1341. O meio irmão do falecido duque era John de Montfort, que tomou controle das principais cidades. Filipe, no entanto, estava relutante em deixar Montfort com o ducado por preferir o sobrinho por casamento do finado duque, Charles de Blois e por acreditar que Montfort estivesse secretamente em contato com Eduardo (SEWARD, 1978).

Filipe agiu rapidamente e reconquistou boa parte do leste da Bretanha e prendeu Montfort em Paris. Em outubro Eduardo III chegou à Bretanha e rapidamente começou um cerco a Vannes e mandou homens para sitiarem Rennes e Nantes. John, filho de Filipe VI e duque da Normandia marchou para libertar essas cidades com um exército que superava o

inglês com pelo menos o dobro do efetivo. Apesar disso, os franceses recuaram e a campanha de Eduardo acabou sendo inconclusiva devido a um outono muito chuvoso e à falta de reforços da Inglaterra. Enviados papais conseguiram negociar uma trégua entre as partes de 19 de janeiro de 1343 até 29 de setembro de 1346 (SEWARD, 1978).

Eduardo voltou para a Inglaterra, deixando tropas estrategicamente posicionadas na Bretanha, mantendo a causa de Montfort viva. Assim, o norte e o leste da Bretanha ficaram sob o domínio da França e o oeste e sul ficaram sob domínio inglês (SEWARD, 1978).

Em 1345, John de Montfort morreu e seu filho se refugiou na corte inglesa. Ele veio posteriormente a receber seu ducado e assim Eduardo garantiu que sempre teria apoio na Bretanha (SEWARD, 1978).

No verão de 1345, Eduardo III quebrou a trégua, dessa vez planejando ataques por três frentes, sendo um deles pela Bretanha, sob o comando de Sir Thomas Dagworth, um pela Gasconha sob o comando de Henry de Grosmont, conde de Derby e futuro duque de Lancaster, e o terceiro sob o comando do rei na Normandia (CURRY, 2002).

O primeiro dos três ataques foi comandado por Henry de Grosmont, no norte da Gasconha, e pegou os franceses de surpresa, capturando Bergerac e muitas outras cidades e castelos, incluindo La Réole, que os ingleses haviam perdido em 1325. Essa fortaleza, bem acima do rio Gironda ficava a 65 quilômetros de Bordeaux, permitiu que os ingleses recuperassem os Agenais, praticamente restaurando a região da Aquitânia. Simultaneamente, Sir Thomas Dagworth atacou a Bretanha, derrotando várias guarnições francesas (SEWARD, 1978).

O terceiro ataque inglês desembarcou na Normandia em 13 de julho de 1346, completamente inesperado pelos normandos, que possuíam inclusive muitas cidades sem muralhas. No dia seguinte o rei lançou uma *chevauchée* (tática que consistia em queimar o interior, todos os celeiros, moinhos e plantações em seu caminho, além de matar todas as pessoas e animais de criação que encontrassem) através de Contentin. Eles seguiram pelo território normando, saqueando e queimando todas as vilas encontradas, conseguindo muitas riquezas. Os burgueses eram mandados para a Inglaterra para que fosse cobrado resgate por eles (SEWARD, 1978).

Figura 2 - As Campanhas do Norte 1341 -1359



Fonte: CURRY, 2002.

Em 26 de julho o exército inglês chegou a Caen e rapidamente conquistou a cidade. O saque da cidade durou três dias e Eduardo mandou muitas riquezas de volta à Inglaterra, além de mais de 60 cavaleiros e 300 burgueses para cobrar resgate posteriormente (SEWARD, 1978).

O monarca seguiu então em marcha na direção de Paris, continuando matando e queimando. A chegada dos ingleses era precedida por colunas de fumaça e multidões de refugiados. Filipe reuniu todos os homens que pôde e mandou para Rouen, temendo que Eduardo III obtivesse domínio sobre a capital normanda e controlasse o Sena, podendo receber reforços de Flandres. No entanto, o objetivo do monarca inglês era distrair os franceses da Guyenne e Bretanha, aliviando assim os ataques aos seus aliados (SEWARD, 1978).

Após a conquista de Caen, Eduardo marchou na direção de Paris, parando em Poissy, mandando tropas para queimar Saint-Cloud e Saint-Germain, as vistas de Paris. No entanto, Eduardo não tinha intenção de atacar a capital francesa, já que ele não possuía equipamento de cerco e o exército de Filipe superava o inglês em muito, e estava sendo reunido próximo a Paris, em Saint-Denis (SEWARD, 1978).

Todas as pontes do Sena na região haviam sido demolidas, na esperança de prender o exército inglês. No entanto, Eduardo conseguiu reparar a ponte de Poissy e escapar indo para o norte, ainda queimando e pilhando tudo em seu caminho. Seu próximo obstáculo foi no rio

Somme, onde os franceses também haviam demolido as pontes para bloquear seu caminho. Um plebeu lhe mostrou como atravessar o rio por um vau. A margem oposta era defendida por milhares de inimigos, incluindo besteiros genoveses, mas, após algumas saraivadas dos arqueiros ingleses, Eduardo conseguiu forçar sua passagem (SEWARD, 1978).

Essa travessia colocou Eduardo em uma posição mais confortável. Ele não precisava mais temer uma batalha, pois agora ele poderia fazer uma retirada para Flandres no caso de uma derrota. Ele fez um alto perto da pequena cidade de Crécy-em-Ponthieu, visto que seu exército estava exausto após o combate e as marchas forçadas (CURRY, 2002).

Nesse local, Eduardo havia encontrado uma posição ideal, com terreno elevado, um rio protegendo seu flanco direito e uma floresta densa protegendo o flanco esquerdo. Na sua frente havia um vale que dava uma linha de fogo limpa para os arqueiros. O exército inglês, agora reduzido, contava com aproximadamente 11.000 homens, sendo 7.000 arqueiros e o restante composto por soldados a pé (CURRY, 2002).

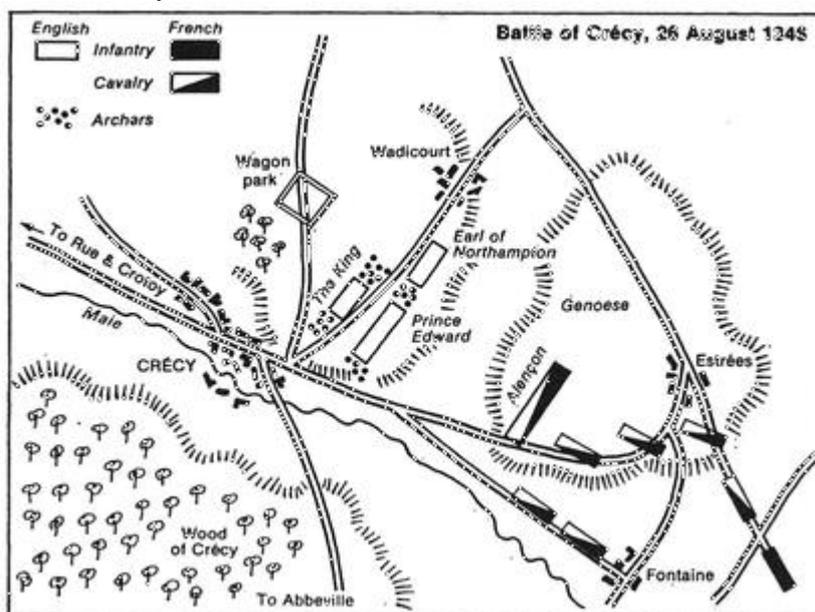
Com a batalha próxima, Eduardo posicionou 4.000 homens na sua direita, próximo ao rio. O centro da sua divisão era composto por 800 homens a pé e ele deixou propositalmente 2.000 arqueiros nos flancos, para que eles pudessem atirar livremente nas tropas francesas. Na sua esquerda, Eduardo posicionou outra divisão com 500 homens a pé e 1.200 arqueiros, com a mesma formação das outras divisões. Todos os arqueiros cavaram inúmeros pequenos buracos no vale, para fazer os cavalos inimigos tropeçarem. Eduardo comandou pessoalmente a terceira divisão, com 700 homens a pé e 2.000 arqueiros, que ficou na retaguarda como reserva (CURRY, 2002).

Em 26 de setembro de 1346, Filipe da França chegou a Crécy, com números que superavam os de Eduardo em quase três para um. Ele tinha em torno de 30.000 homens, incluindo 20.000 homens a pé. Ele mandou que os besteiros genoveses adiante, mas eles foram recebidos pelas flechas inglesas e desfizeram a formação e fugiram. Diante do que era considerado covardia dos besteiros, o conde de Alençon gritou ordenando que a cavalaria avançasse por cima de seus aliados. Os gritos dos besteiros fizeram a retaguarda francesa acreditar que os ingleses estavam sendo mortos e eles começaram a pressionar para frente. O resultado foi uma massa desorganizada na base do vale onde os arqueiros estavam posicionados e de lá eles atiraram com precisão, desperdiçando pouquíssimas flechas e causando o caos entre as montarias (SEWARD, 1978).

Os franceses atacaram 15 vezes desde o por do sol até o meio da noite, cada carga começando bem e terminando desastrosa debaixo da tempestade de flechas inglesas. Os últimos ataques foram em escuridão completa, mas já restavam poucos cavaleiros nesse

momento. Os que não haviam sido mortos haviam fugido. Filipe VI, que tinha sido ferido no pescoço por uma flecha, tentou organizar um desesperado ataque final e percebeu que só conseguia reunir 60 cavaleiros. Foi então que o conde de Hainault interviu para que o rei deixasse o campo de batalha. Filipe fugiu com seis companheiros buscando refugio em Amiens (SEWARD, 1978).

Figura 3 - Batalha de Crécy, 1348



Fonte: CURRY, 2002.

Os ingleses não perceberam as baixas imensas que causaram por causa da escuridão e dormiram em suas posições agradecendo por não terem sido mortos na batalha. Quando amanheceu, descobriram que haviam perdido menos de cem homens na batalha. O rei mandou uma contagem de corpos e eles descobriram mais de 1.500 senhores e membros da nobreza francesa que perderam a vida. Os franceses perderam mais de 10.000 homens em Crécy (SEWARD, 1978).

Apesar da vitória, Eduardo não estava em posição de fazer o aproveitamento do êxito, visto que suas tropas estavam muito exaustas da campanha para ir atacar Paris. Ele decidiu partir para a costa para capturar um porto e o escolhido foi Calais, que era próximo a fronteira de Flandres e o mais próximo da Inglaterra. Quando chegou na cidade, Eduardo se surpreendeu por encontra-la cercada por dunas e pântanos e por possuir uma forte guarnição determinada a resistir aos ingleses. Eduardo era igualmente determinado e construiu abrigos de madeira para que seu exército se abrigasse no inverno. Muitos ingleses morreram de doença, mas a maioria permaneceu no cerco, devastando uma área de cinquenta quilômetros ao redor da cidade (SEWARD, 1978).

Na primavera chegaram reforços da Inglaterra no caso de alguma tentativa de retaliação da parte dos franceses. Logo Eduardo possuía mais de 30.000 homens fora de Calais, suprimentos recém entregues pelos seus navios e sua verdadeira arma: um bloqueio naval que impedia que a cidade recebesse suprimentos. O povo da cidade começou a passar por dificuldades e decidiu que se Filipe não os salvasse até agosto eles seriam obrigados a se render (SEWARD, 1978).

Em julho de 1347 Filipe finalmente marchou para libertar Calais. Seu exército não era tão grande quanto o do ano anterior nem tão beligerante. Ele montou um acampamento próximo ao acampamento inglês e desafiou Eduardo para ir até ele e lutar. O monarca inglês se recusou a sair de seu acampamento fortificado. Filipe sabia que atacar seria um convite para um novo massacre e tentou negociar uma trégua sem sucesso (SEWARD, 1978).

No começo de agosto o exército francês desmontou acampamento e abandonou a cidade de Calais. No dia seguinte a guarnição de Calais se rendeu. Eduardo ordenou que todos os cidadãos abandonassem a cidade com nada além da roupa do corpo, para mais tarde repovoar a cidade com ingleses (SEWARD, 1978).

Vale lembrar que a campanha de Crécy-Calais foi apenas uma de três frentes na França. No sudoeste o conde de Derby manteve a maior parte de suas conquistas. Ele foi sitiado em Aiguillon, mas o duque da Normandia abandonou o cerco e foi para o norte quando soube da derrota de seu pai. Na Bretanha, Sir Thomas Dagworth derrotou as forças de Charles de Blois, que foi capturado e enviado para a torre de Londres. O único local em que os ingleses foram enfraquecidos foi em Flandres, onde um conde favorável a Filipe havia recuperado algumas cidades. Em 1347, o papa Clement VI interviu entre Inglaterra e França, chocado com a miséria e destruição causada pelas incursões inglesas, e sucedeu em formar uma trégua entre os países (SEWARD, 1978).

Rei Filipe foi deixado em uma situação difícil, visto que seus exércitos foram enfraquecidos e ele estava sem dinheiro. E ele queria se fortalecer rapidamente, temendo outra invasão inglesa (SEWARD, 1978).

Em 1350 Eduardo conquistou outra vitória. O conde de Flandres permitiu que navios castelhanos reunissem uma frota em Sluys, de onde eles iriam partir para pilhar navios mercantes ingleses e ameaçar a ligação marítima com Guyenne. Eduardo reuniu seus navios e navegou para encontrar seus inimigos. A batalha que se seguiu foi muito mais perigosa e acirrada do que Sluys. A vantagem das galés sobre os navios mercantes ingleses eram muito grande e os castelhanos estavam armados com catapultas, bestas gigantes e canhões. Eles

também tinham o vento a seu favor. Após um combate feroz que continuou até o anoitecer, 14 galés castelhanas foram capturadas pelos ingleses (SEWARD, 1978).

Mas a França já sofria de um mal ainda maior, a Peste Bubônica, que havia se espalhado por toda a França entre 1348 e 1349. A praga também atravessou o Canal e se espalhou pela Inglaterra. Acredita-se que em torno de um terço da população europeia morreu. Terras foram abandonadas, taxas deixaram de ser pagas e em consequência ambos os países estavam com poucos homens e dinheiro, então qualquer plano de invasão em larga escala teve de ser adiado (SEWARD, 1978).

Em 22 de Agosto de 1350 o rei Filipe VI morreu, deixando como sucessor seu filho John II, o novo rei que implementou reformas militares em 1351, garantindo que todos os homens estivessem em companhias de 25 a 80 homens. Anteriormente a disciplina era prejudicada porque os soldados tinham uma tendência de se mover dentro dos exércitos como quisessem (SEWARD, 1978).

Nos anos seguintes não houveram conflitos de larga escala, apenas pequenas ações na Bretanha. Durante esses anos Eduardo tentou negociar soberania total na Aquitânia, Poitou e Limousin. Os franceses não aceitaram esses termos e em resposta Eduardo preparou outro grande ataque (SEWARD, 1978).

O monarca inglês adotou novamente a estratégia de atacar em três frentes distintas. Ele pretendia liderar pessoalmente um exército em direção à Picardia, enquanto Lancaster (agora um Duque) lançava uma campanha na Normandia e o príncipe de Gales atacava a partir de Guyenne. Em Outubro de 1355, assim que o rei desembarcou em Calais, precisou retornar para a Inglaterra, pois recebeu notícias de um ataque escocês em Berwich. A operação acabou se tornando um chevauchée do Príncipe Negro. O Príncipe deixou a capital ducal (Bordeaux) com um exército de menos de 2.600 homens, entre infantas e arqueiros, mas todos montados, com o objetivo de passar os próximos dois meses queimando e matando. Eles saquearam e espalharam destruição em um percurso de quase 1.000 quilômetros. O objetivo da chevauchée era enfraquecer o inimigo, privando-o de suprimentos e impostos. Sua empreitada foi tão bem sucedida que ele atingiu o mediterrâneo (SEWARD, 1978).

Figura 4 - Campanhas do Príncipe Negro, 1355 - 1356



Fonte: CURRY, 2002.

No verão de 1356, outro ataque em duas frentes foi planejado, com Lancaster desembarcando em Saint-Vaast-La-Hougue em 18 de junho, para se juntar ao irmão de Carlos de Navarra, Filipe, e tropas da Bretanha. Outra chevauchée foi conduzida, dessa vez na baixa Normandia, com muita pilhagem. Ao mesmo tempo o príncipe partiu de Bordeaux em 06 de Julho com aproximadamente sete mil homens, dos quais mais de dois terços eram da Gasconha. Seu movimento em direção rio Loire era tão audacioso quanto o do ano anterior, mas não foi possível reunir-se com Lancaster ou cruzar o Loire, pois o príncipe foi informado que um exército de 40 mil homens estava perseguindo a sua tropa (SEWARD, 1978).

O príncipe começou sua marcha de retorno, mas os franceses foram mais rápidos e bloquearam seu caminho em Poitiers, com um efetivo entre 16 a 20 mil homens, em sua maioria cavaleiros, com a presença de algumas tropas leves, inclusive dois mil besteiros (SEWARD, 1978).

Os dois comandantes só perceberam quão próximos estavam, quando a vanguarda inglesa colidiu com a retaguarda francesa em La Chabotrie. Após uma breve escaramuça, o príncipe marchou até Maupertius, uma vila onze quilômetros a sudeste de Poitiers (SEWARD, 1978).

O príncipe Negro não queria lutar, visto que seus soldados estavam carregados de saque e exaustos pela retirada. Mas ele não podia escapar pelo sul porque havia um rio no caminho. Por sorte ele tinha o conselho de um veterano, Sir John Chandos, que era um soldado experiente. Ele se preparou para a batalha, assumindo o comando da divisão principal. Ele separou seu exercito em três divisões cada uma com aproximadamente 1200 homens a pé e alguns arqueiros. O terreno era ideal para essa combinação, ondulado e coberto de vegetação rasteira, sebes e pântanos. A frente era guardada por uma vala e uma sebe robusta no topo de uma encosta, a esquerda por um bosque denso e a retaguarda pelo rio. Nessa posição, os ingleses podiam observar os franceses enquanto eles permaneciam em boa parte escondidos (SEWARD, 1978).

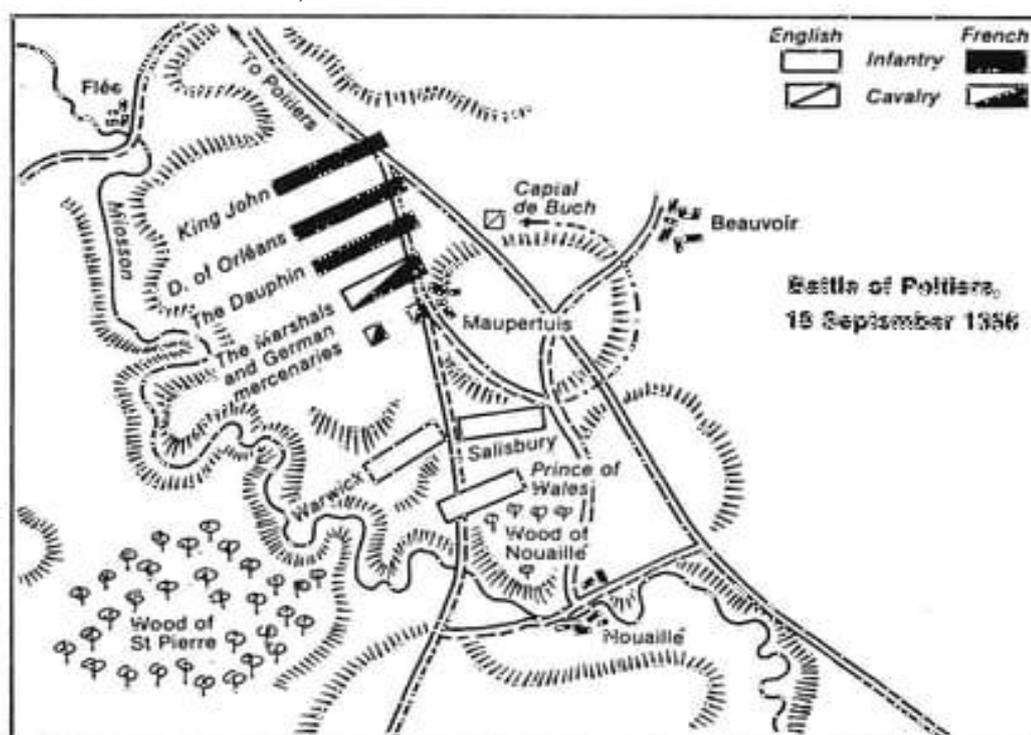
O rei John se preparou pra atacar no alvorecer do dia seguinte, porém era domingo e o Cardeal de Perigord convenceu o rei a negociar com o Príncipe. Eduardo de Gales ofereceu devolver todas as fortalezas e cidades que havia conquistado, todos os prisioneiros e ainda jurar não lutar contra os franceses por sete anos. Mas isso não era suficiente para John II, que exigia a rendição incondicional de Eduardo e cem de seus cavaleiros. As negociações duraram o dia todo, período que o príncipe usou para fortificar suas defesas de maneira desesperada, cavando trincheiras e obstáculos na frente dos arqueiros. Mesmo assim, o príncipe ainda tinha esperanças de evitar a batalha e voltar para Bordeaux (SEWARD, 1978).

No dia seguinte, os ingleses começaram a tentar uma retirada discreta, deixando Salisbury na retaguarda para protegê-los. O rei John não havia terminado de organizar suas tropas. Seu plano consistia em enviar uma força de 300 cavaleiros seletos na frente, buscando uma abertura nos obstáculos com espaço suficiente para quatro homens passarem, com o objetivo de aniquilar os arqueiros antes do ataque principal. Sua primeira divisão, composta por infantaria e mercenários germânicos montados, atacaria em seguida. Ela seria seguida pela segunda divisão, composta por 4.000 homens, pela terceira divisão, comandada pelo duque de Orleans com 3.000 homens, e pela quarta divisão, comandada pelo rei em pessoa e constituída de 6.000 homens. Os soldados que compunham essas três últimas divisões iriam a pé com armadura pesada (SEWARD, 1978).

Com o avançar da manhã John percebeu que os ingleses estavam tentando escapar. Ele ainda não havia organizado seu exército, mas mandou os seus 300 cavaleiros montados

atacaram os ingleses, comandados pelos marechais Clermont e d'Audrehem. Os arqueiros, protegidos pelos obstáculos, atiravam livremente nos cavaleiros. Depois que os cavalos entraram em pânico e começaram a derrubar seus donos, os homens de Salisbury saíram de trás das trincheiras para finalizar os cavaleiros caídos. Clermont foi morto e d'Audrehem foi feito prisioneiro. Os soldados germânicos que vinham a pé atrás dos cavaleiros franceses atingiram a cerca onde os ingleses estavam e começaram a lutar. O Príncipe Negro percebeu o que estava acontecendo e voltou para ajudar Salisbury. Os germânicos foram repelidos quando um grupo de arqueiros abandonou a proteção e foi para terreno pantanoso, onde podiam atirar nos flancos do inimigo (SEWARD, 1978).

Figura 5 - Batalha de Poitiers, 1356



Fonte: CURRY, 2002.

Ainda assim, a maior parte das forças francesas estava intacta. A primeira das três divisões restantes avançou sobre os ingleses e, por mais que o terreno fosse difícil, eles logo alcançaram os ingleses. A batalha foi intensa e o príncipe foi forçado a trazer todas as suas forças para a cerca para repelir os franceses, com a exceção de 400 homens que ficaram na reserva. Após um combate intenso os franceses bateram em retirada (SEWARD, 1978).

Os ingleses não estavam em boas condições. Exceto pela reserva do príncipe, a maioria de suas tropas apresentava algum ferimento. Eles escondiam os feridos em buracos e os tiravam do caminho. Muitos soldados cujas armas se quebraram pegavam armas dos cadáveres franceses, enquanto os arqueiros retiravam flechas usadas dos corpos de seus

inimigos. Então eles viram a divisão sob o comando do duque de Orleans se preparar para lutar e, para surpresa e alívio dos ingleses, a divisão se virou e marchou para longe do campo junto com as tropas derrotadas. Se o duque não houvesse se desesperado, mesmo que os ingleses pudessem repeli-lo, eles certamente estariam exaustos demais para enfrentar a forçado rei John (SEWARD, 1978).

Quando a tropa de John II atacou, os ingleses não sabiam aonde iam encontrar forças para esse embate final. Quando a luta começou o príncipe mandou seu porta estandarte levar seu estandarte na direção de John e partiu para o ataque junto com sua reserva de 400 homens. Dessa vez os ingleses abandonaram as proteções e lutaram contra os franceses em campo aberto. Até mesmo os arqueiros vinham ajudar com machados e espadas quando as suas flechas acabavam. Esse foi de longe o combate mais intenso do dia, sendo ouvido de Poitiers, onze quilômetros de distância (SEWARD, 1978).

O estandarte de São Jorge subitamente apareceu na retaguarda francesa. O príncipe havia mandado um grupo de sessenta guerreiros e cem arqueiros para atacar o inimigo por trás. Os franceses, que não perceberam quão pequena era a força que os atacava, quebraram a sua formação e fugiram. O rei John II foi capturado junto de seu filho, Filipe. Assim a Inglaterra venceu a batalha de Poitiers (SEWARD, 1978).

Depois disso, enviados franceses negociaram a libertação de seu rei e, em janeiro de 1358, através do primeiro tratado de Londres, a França cedeu a soberania de Guyenne, Limousin, Poitou, Saintonge, Ponthieu e outras regiões, que totalizavam quase um terço do território francês. O resgate do rei John II ficou determinado em quatro milhões de peças de ouro (SEWARD, 1978).

O rei Eduardo III reivindicou ainda mais áreas: Anjou, Maine e a Normandia, junto com Pas-de-Calais. Suas demandas foram recusadas por serem exageradas. Mas Eduardo provavelmente não esperava ser atendido, mas na verdade procurava motivos para uma nova campanha contra a França (SEWARD, 1978).

Ele começou os preparativos para uma nova campanha na França. Compreensivelmente, ele facilmente conseguia reunir um exército de 30.000 homens ávidos por saques e motivados pela grandiosa vitória em Poitiers. A maior parte de seus nobres o acompanhou, assim como quatro de seus filhos, todos recrutando muitos soldados. Todavia, o rei não chegou a Calais na primavera e sim em 28 de outubro (SEWARD, 1978).

O objetivo dessa campanha era fazer uma poderosa chevauchée que culminasse com a coroação de Eduardo III como rei da França em Rheims. Os ingleses deixaram Calais no dia de todos os santos em 1359, queimando e matando de maneira costumeira na direção de

Rheims. No entanto, a cidade sabia que o monarca inglês estava a caminho, e o arcebispo-duque comprou provisões para suportar um longo cerco. Os ingleses chegaram na cidade em 4 de dezembro, com um tempo terrível, e tiveram que montar acampamento na neve (SEWARD, 1978).

Em janeiro de 1360, após um período sofrido pelos homens e animais, ele abandonou Rheims e fez uma campanha de destruição pelo interior da França até chegar em Paris, mas não se sentiu confiante em fazer um ataque contra a capital. Eduardo esperava que os franceses abandonassem a cidade para atacá-lo, mas isso não aconteceu. Os ingleses então partiram para causar mais destruição. Pouco tempo depois um emissário procurou os ingleses com uma proposta de paz (SEWARD, 1978).

Em maio de 1360 começaram as negociações, que terminaram com Eduardo III abrindo mão de sua reivindicação ao trono francês, mas recebendo soberania sobre todas as áreas do primeiro tratado de Londres. Os reis se encontraram em 24 de outubro para confirmar o tratado de Brétigny. Assim, Eduardo III havia conquistado praticamente metade do território da França (SEWARD, 1978).

2.3 SEGUNDA FASE (1369-1399)

Durante a década de 60 a Inglaterra e França estavam em paz, exceto por alguns conflitos menores na Bretanha, que foram encerrados quando Sir John Chandos derrotou e matou Charles de Blois em Auray em setembro de 1364. A França estava passando por uma guerra civil contra Charles de Navarra, que só foi resolvida em Cocherel em maio de 1364, quando os franceses venceram e fizeram com que ele abrisse mão de suas propriedades próximas a Paris (CURRY, 2002).

Outro problema que a França enfrentava era a presença dos routiers ou Companhias Livres. Eles eram compostos por soldados veteranos que não queriam voltar para uma vida de pobreza e servidão. Entre eles haviam bretões, espanhóis, germânicos e ingleses, mas a maioria era composta por gascões. Os routiers devastavam o interior, pilhando tudo que conseguissem. Charles não tinha tropas ou dinheiro para lidar com eles, então ele tentou levá-los para outra região, e enviou todos os routiers que conseguiu encontrar para auxiliar Henrique de Trastámara na Castilha, sob o comando de Bertrand du Guesclin (SEWARD, 1978).

O Príncipe Negro participou de algumas campanhas na Castilha, aumentando sua reputação, mas causou-lhe graves problemas financeiros. Ele se viu obrigado a aumentar os impostos no principado da Aquitânia, o que desagradou a população. Eles também preferiam

o sistema de governo antigo, em que seu governante ficava do outro lado do Canal. Em 1368, alguns lordes da Guyenne se recusaram a pagar o novo imposto e, além disso, o conde de Armagnac, que estava em Paris, decidiu pedir ao rei Charles V que fizesse algo para reduzir essas taxas (SEWARD, 1978).

Aceitar se envolver seria uma violação do Tratado de Brétigny, mas os franceses nunca haviam renunciado a soberania formalmente. Charles percebeu essa brecha que possibilitaria enfraquecer o poder inglês na França (SEWARD, 1978).

O rei Charles vinha se preparando para a guerra por um longo tempo e criou um exército permanente de 3.000 a 6.000 homens de armas e 800 besteiros, financiado por novos impostos. Esse exército contava com um esboço de hierarquia, com homens de armas agrupados em companhias de cem homens comandados por um capitão. Além disso, ele fortificou cidades, mandou dinheiro para que guarnições fossem mantidas por seus lordes. Ele ordenou que as fortificações fossem inspecionadas e reparadas com frequência. Cidades indefensáveis foram demolidas (SEWARD, 1978).

Apesar disso, ele nunca entrou em campanha. Isso porque seu plano era utilizar uma estratégia de terra arrasada em conjunto com táticas de guerrilha, proibindo inclusive suas tropas de engajarem o exército inglês em combate direto. Ele recrutou novos comandantes, com capacidade de executarem essas táticas, sendo o mais ilustre Bertrand du Guesclin, que foi nomeado condestável da França. Isso mostra a sagacidade de Charles V em criar uma estratégia eficaz contra a formação inglesa com homens de armas desmontados e arqueiros (SEWARD, 1978).

Durante 1368, agentes de Charles coletaram em segredo quase 900 apelos contra o Príncipe Negro. No final do ano o rei declarou publicamente que poderia receber esses apelos e convocou o príncipe para Paris. O príncipe recusou (SEWARD, 1978).

Eduardo III, prevendo um desastre, mandou que o príncipe removesse as taxas, e implorou a Charles V que ambos fizessem as renúncias determinadas em Brétigny. O monarca francês o ignorou e lhe mandou uma carta desafiando Eduardo formalmente. O rei inglês ficou furioso e declarou guerra em junho de 1369. Em novembro Charles anunciou que havia confiscado a Aquitânia (SEWARD, 1978).

Os franceses lançaram um ataque em Guyenne que pegou os ingleses completamente despreparados e tomaram Abbeville, capital de Ponthieu. Eduardo utilizou sua mesma tática de costume e mandou seu terceiro filho, John de Gaunt, agora duque de Lancaster fazer uma chevauchée na Normandia em 1369. No ano seguinte Sir Robert Knollys comandou outra chevauchée maior ainda, que devastou o interior até as portas de Paris. O rei Charles podia

ver a fumaça de seu palácio, mas mesmo assim não entrou em combate com os ingleses, que foram obrigados a partir (SEWARD, 1978).

Os franceses, em geral, evitavam batalhas frontais mesmo quando tinham grandes chances de ganhar. As táticas do condestável consistiam em incursões, emboscadas e ataques noturnos. Ele ficava em cidades e fortalezas isoladas, de onde partia para atacar grupos de forragens e vagões de suprimento, cortando as comunicações e desgastando o moral inimigo com constantes ataques surpresa (SEWARD, 1978).

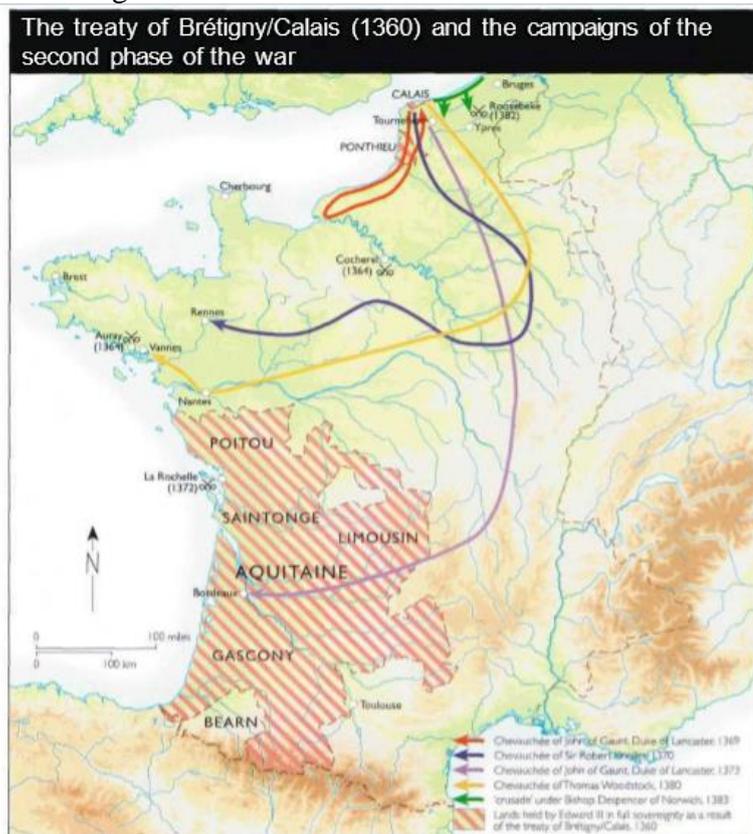
Em janeiro de 1371 o Príncipe Negro voltou para a Inglaterra, por estar muito doente, deixando John de Gaunt no comando. Em 1372 ele abdicou de seu principado na Aquitânia e passou o resto de seus dias em seu castelo em Berkhamsted, onde faleceu em 1376. Agora o comandante de sangue real inglês era John de Gaunt, rei da Castilha (ou Castela) e Duque de Lancaster (SEWARD, 1978).

A campanha de Charles V continuava. Ele tomou Poitiers e toda a região de Poitou em seguida. Em junho de 1372 uma frota castelhana derrotou uma frota inglesa próximo a La Rochelle. A cidade logo se rendeu para os franceses. Assim boa parte dos domínios ingleses na Normandia e Bretanha caiu diante dos franceses (SEWARD, 1978).

O rei Eduardo, já com uma idade avançada, fez um último esforço. Ele reuniu uma frota de 400 navios, composta de 4.000 homens de armas e 10.000 arqueiros. Por seis semanas a armada inglesa navegou com ventos contrários, eram tirados de curso repetidamente até que os marinheiros se viram obrigados a voltar para o porto. Essa empreitada custou uma fortuna ao rei inglês (SEWARD, 1978).

No ano seguinte, John de Gaunt liderou 3.000 homens de armas e 8.000 arqueiros em uma das chevauchée mais ousadas que houve. Ele partiu de Calais, atravessando a Picardia, Champagne, Borgonha, as Bourbonnais, Auvergne e Limousin, deixando um rastro imenso de destruição por toda a França central. Gaunt chegou a Bordeaux com 6.000 soldados famintos. O restante de suas tropas e cavalos morreu de fome e frio na travessia das montanhas em Auvergne no meio do inverno. Ele havia percorrido quase 1.000 quilômetros em cinco meses e realizado um grande feito, mas não capturou nenhuma cidade ou lutado alguma batalha (SEWARD, 1978).

Figura 6 - Campanhas da segunda fase



Fonte: CURRY, 2002.

No final de 1373 praticamente não existia mais Aquitânia inglesa, que agora era menor do que no início da guerra em 1337. A maior parte da Bretanha também estava ocupada pelos franceses. No norte, apenas Calais e uma última guarnição britânica ainda se mantinham (SEWARD, 1978).

Em 1374, ambos os lados estavam desgastados com o conflito. Eduardo III estava com a idade bem avançada e o seu tesouro estava praticamente vazio. Além disso, a economia inglesa ainda não havia se recuperado da peste negra. Por outro lado, Charles V começou a ter alguns problemas de saúde, entre eles gota. O condestável via poucas esperanças de expulsar os ingleses da Guyenne e, em janeiro de 1374, ele e Gaunt concordaram com uma trégua na região da Aquitânia. Em 1375 uma nova trégua foi assinada, dessa vez em toda a França e com duração de dois anos (SEWARD, 1978).

Em 21 de junho de 1377, o rei Eduardo III morreu com 65 anos, idade notável para a época. Ele foi sucedido pelo filho do Príncipe Negro, Richard de Bordeaux, que tinha dez anos de idade (SEWARD, 1978).

No mesmo mês que o rei morreu, uma frota de quase cinquenta navios atravessou o canal, desembarcando na Inglaterra 4.000 soldados franceses. Eles saquearam Rye e foram até Lewes, que eles queimaram. Depois eles zarparam para queimar Plymouth. Em agosto eles

atacaram novamente, queimando Hastings, mas foram derrotados em Southamphton e Poole. Essa frota deveria cortar a comunicação inglesa, mas falhou (SEWARD, 1978).

Em 1377 os franceses retomaram os ataques à Guyenne, mas não conseguiram conquistá-la. A população permaneceu leal aos plantagenetas, mesmo quando o Senescal foi capturado pelos franceses. Em 1379, chegou a Bordeaux lorde Neville, do condado de Durham, que tomou a ofensiva fazendo incursões no estilo do condestável francês. Dizem que ele recuperou mais de oitenta cidades, castelos e fortalezas durante seu comando, que mal chegou a um ano (SEWARD, 1978).

Em 1380, o filho mais novo de Eduardo III, Thomas de Woodstock, conde de Buckingham, comandou a costumeira chevauchée, partindo de Calais através de Champagne, Beauce e Anjou até a Bretanha. Depois ele iniciou um cerco que durou dois meses sem sucesso em Nantes (SEWARD, 1978).

Em junho de 1380, Bertrand Du Guesclin contraiu uma doença e morreu, enquanto fazia um cerco em Auvergne. Seu rei morreu menos de três meses depois, devido a um ataque cardíaco. O rei Charles pode ter falhado em expulsar os ingleses da França, mas havia recuperado boa parte do território conquistado por Eduardo III (SEWARD, 1978).

Os ingleses concentraram seus esforços fora da França nesse momento. Eles esperavam explorar a aliança com Flandres, mas os franceses derrotaram os flamingsos e Flandres virou um condado de Filipe da Borgonha (SEWARD, 1978).

Os ingleses participaram de uma campanha na França, financiada pela Igreja com o intuito de auxiliar o papa Urbano VI em sua empreitada contra o papa Clemente VII. Eles desembarcaram em Calais e foram na direção de Flandres, mas quando um exército francês foi ao encontro deles eles simplesmente fugiram (SEWARD, 1978).

Esses foram os últimos acontecimentos relevantes dessa fase da guerra. Uma trégua curta foi negociada em junho de 1389 e foi estendida por 28 anos em março de 1396 (SEWARD, 1978).

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

O tema dessa pesquisa insere-se na linha de pesquisa histórica militar, com ênfase em táticas militares da Guerra dos Cem Anos.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória.

3.2 MÉTODOS

Foram realizadas pesquisas em livros e artigos científicos sobre o tema, de origem predominantemente inglesa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra dos Cem Anos foi um período em que muitas táticas e estratégias foram desenvolvidas. A utilização do arco longo inglês foi determinante na primeira fase do conflito. Isso se deve ao fato de que a principal forma de batalha dos franceses era a carga de cavalaria, que consistia em uma massa organizada de homens e cavalos cobertos por armaduras pesadas galopando em direção ao inimigo. Essa tática era praticamente imbatível na época. Isso até Eduardo III utilizar uma nova estratégia em Crécy. Ao colocar suas tropas em uma forte posição defensiva, com arqueiros nos flancos e homens de armas no centro, ele havia criado uma estratégia que expunha os cavaleiros às saraivadas de flechas, o que era muito perigoso, já que o arco longo tinha força suficiente para perfurar armaduras com facilidade. Essa tática ganhou muitas batalhas importantes para os ingleses, inclusive em estágios mais avançados da guerra não citados nesse trabalho.

Eduardo usou uma estratégia similar na batalha em Sluys, quando posicionou arqueiros em navios nos flancos e soldados nos navios centrais. Enquanto os homens de armas abordavam as embarcações francesas, os arqueiros atiravam livremente.

Além disso, como os ingleses não tinham forte capacidade de cerco, Eduardo precisava de outra forma de atingir os franceses. Foi então que ele desenvolveu a chevauchée, um tipo de incursão em território inimigo em que os franceses saqueavam tudo que pudessem encontrar, matavam todos os franceses e animais de criação que tivessem a infelicidade de cruzar o seu caminho, e queimavam tudo que eles não pudessem carregar. A chevauchée era efetiva porque os ingleses encontravam muito saque e pilhagem na França e ao mesmo tempo dava um golpe na economia francesa, roubando suas colheitas e matando quem pagava os seus impostos.

Esses foram os principais fatores que levaram os ingleses a sua vitória na primeira fase da guerra, onde conquistaram praticamente um terço do território francês.

Na segunda fase da guerra, Charles V precisou desenvolver formas de combater essas táticas inglesas. A solução que ele encontrou foi contratar vários routiers e nomear Bertrand du Guesclin condestável da França. Ele reforçou a manutenção de fortalezas e preparou um exército permanente. Quando a Inglaterra invadiu novamente, ele passou a utilizar táticas de guerrilha, com ataques constantes para baixar o moral inimigo, ataques a linhas de suprimento e emboscadas.

A intenção da estratégia francesa era deixar os ingleses sem suprimentos em território inimigo e obrigá-los a abandonar sua campanha, sem entrar em batalha direta com eles em nenhum momento. Dessa forma, Charles V negou grandes conquistas a Inglaterra, que passou

a deixar de lucrar com as suas invasões. Assim os franceses conseguiram a abertura necessária para atacar Guyenne e obter vitórias em várias frentes simultâneas.

Essa política do exercito permanente é um dos fatores que fez com que a Guerra dos cem anos seja um dos marcos do fim do vassalismo, com uma crescente centralização do poder.

REFERÊNCIAS

AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. **The Battle of Crécy, 1346**. 01. Ed. Suffolk: Boydell & Brewer Limited, 2005.

BARTLETT, Clive; EMBLETON, Gerry. **English Longbowman: 1330 – 1515**. 01.ed. London: Osprey Publishing, 1995.

CURRY, Anne. **The Hundred Years' War: 1337 – 1453**. 01.ed. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

KEEN, Maurice. **Medieval Warfare: A History**. 02. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

SEWARD, Desmond. **The Hundred Years War: The English in France 1337 – 1453**. 01. Ed. New York: Atheneum Books, 1978.